

Mestre Odilon

JOLUMA BRITTO

Historiador, li alhures, não pode mentir. Historiador que mente é uma vez só. E' como honra de mulher".

Quando em junho deste ano me encontrava na Europa, num desses magníficos artigos sempre ilustrados pela sua inteligência e conhecimentos do passado do Brasil, mestre Odilon, insurgiu-se contra a cidade que "como Campinas, com tantas participações na vida de São Paulo e do Brasil, desde a expansão anterior promovida pelo Morgado de Matheus, em fins do século XVIII, até ao recente surto industrial, poderia fornecer condições ideais para pesquisa histórica, e infelizmente, a incúria dos poderes públicos, a falta de interesse de uns, o interesse excessivo e ciumento zelo de outros, constituem óbices quase intransponíveis..."

Não é isso que acontece, Mestre Odilon. Existem fontes de fatos mananciais históricos mas, o amigo é que não sabe onde é que eles estão, não por ignorância, mas por falta de conhecimento de sua existência, pela vida atribulada que o Mestre leva. Só o arquivo, consultado por milhares e milhares de crianças, existente na Biblioteca Pública Municipal, seria uma resposta a sua insatisfação pois que o zelo e carinho de d. Carmen e seus olhares vigilantes, existem não sei quantos documentos referentes ao passado campineiro e que, dia a dia, aumenta em seu volume, pela leitura diária que a digna mestra faz em sua consulta a jornais, revistas e publicações as mais variadas. Em nossos Cartórios, tanto de notas como de ofícios, eu li perto de vinte mil volumes de seus arquivos, em autos que atingem os mais variados processos, tanto criminais como de causas cíveis e deles copiei um manancial inesgotável de documentos que são história. Daí, o fato de ter eu escrito já trinta e cinco volumes da História da Cidade de Campinas, trinta e dois já editados, um no prelo e dois guardados por que não tenho dinheiro para publicá-los.

A partir de 1701 reuni documentos que dessa data em diante, quando começa propriamente a história da cidade de Campinas, tenho papéis que sempre estiveram à disposição de milhares de estudantes, historiadores, professores, jornalistas, etc.

Sou zeloso, na certa, daquilo que é meu, mas não clumento a ponto de escondê-los daqueles que me procuram para consultas sobre o passado desta terra.

Ainda agora conheci Jorge Antonio, também possuidor de uma série de documentos que se perdem com informações preciosas através do tempo, e que ele não nega a sua leitura àqueles que o procuram. E tal e tamanha é sua biblioteca que ele confundiu, como também eu o fiz, alguns pretensos historiadores de Campinas que insistem em afirmar que a fundação de Campinas, ocorreu em 14 de julho de 1774, quando o certo é 15 de Novembro de 1732.

Ainda recentemente, em Portugal, frequentando o Arquivo da Torre do Tombo, no Palácio da Assembléia Constituinte, encontrei documentos referentes a velha Campinas, todos anteriores a 1774, mandei-os microfilmar e devo recebê-los em breve, ou voltarei àquele manancial inesgotável da história de toda São Paulo. Penso oferecê-los ao José Roberto do Amaral Lapa, outro historiador que conhece meu arquivo e que já possui uma série de documentos copiados do existente na Mãe pátria.

O Centro de Ciências, Letras e Artes ainda tem o mesmo documentário que foi guardado ciosamente durante tantos anos, mas lá estão em frangalhos, se assim posso me expressar, dezenas de coleções de jornais antigos de Campinas, que todos os li a partir da sua primeira publicação em cada jornal.

Igualmente, dos velhos papéis que existiram e já não mais existem na Câmara Municipal de Campinas, hoje desaparecidos, tenho cópia de tudo quanto possa interessar a história desta terra. Daí a minha força em poder escrever livros, ao todo trinta e cinco, podendo publicar igual número de outros volumes e todos documentos INÉDITOS para qualquer historiador de Campinas, tal o cuidado que tive em ir arquivando-os em minha biblioteca. Daí a opulência do passado campineiro que revelei com dificuldade, mas que jamais foram contestados por quem quer que seja, por que eu me julgo dono do maior arquivo do passado campineiro, em autênticos documentos de que poderei citar a fonte. Até mesmo ao Mestre Odilon ofereci no ano passado provas de meu documentário, para afirmar que Campinas não foi fundada na data oficial que, infelizmente, uma Câmara Municipal iludida e ilaquiada em sua boa fé, levou à sanção do sr. Orestes Quercia, então Prefeito Municipal.

O "Breve Relatório" a que o mestre insigne se reporta, publicado pela Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Campinas afirma: Ressalta ainda o "Breve Relatório" o livro de autoria de Jolumá Britto em sua longa História de Campinas, a qual embora desprovida daquela sistematização fundamental num trabalho de pesquisa histórica e nem sempre com as necessárias indicações, constitui um trabalho que o pesquisador não poderá ignorar, pois à sua margem poderão ser escritas muitas e muitas páginas da história de nossa cidade".

De fato, propositadamente não costumo citar as fontes ou origens desses documentos, por um motivo muito simples: é que historiadores inescrupulosos costumam copiar relatos de meus livros, omitindo meu nome! Ora, não tendo a origem do documento, nenhum deles poderá se aproveitar de meu longo e exaustivo trabalho. Se, por acaso, anotar a origem dos papéis que são na sua maioria originais de autos antigos e cadernos, o copiadador fica sem meios de dizer como se originaram tais acontecimentos! Mas, em minha garagem e no momento em que o presado mestre o desejar, estão todos os 35 pacotes contendo tiras e tiras de papéis copiados dos velhos arquivos de Campinas, e que não mais existem, infelizmente mas estão à sua disposição para saber que em minha longa história não ocorre um deslize sequer!

Aliás, tenho igualmente em meu arquivo, três preciosas cartas: uma do saudoso Escragnole Taunay, outra do notabilíssimo historiador Gustavo Barroso e se refere a minha "admirável história de Campinas" e finalmente do presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Pedro Calmon, além de ofícios do Instituto de História e Geografia do Estado de São Paulo, do qual sou sócio, em que nenhum deles reclama quaisquer anotações da origem dos documentos transcritos em meu livro!

Acredito que, para comprovar meu valor como homem de história foram-me conferidas as medalhas da "Imperatriz Leopoldina", de "José Bonifácio", de "Euclides da Cunha" e do "Marechal Rondon", todas de entidades culturais da Capital de São Paulo e acompanhadas dos respectivos diplomas.

Mas, não bastasse tudo isso transcrevo em seguida ofício que recebi ainda agora, com o timbre do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em que se pode ler: "Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1975. Exmo. sr. Jolumá de Britto, Palácio do Forum, 5.º andar, n.º 515. Campinas (SP).

Tenho o prazer de informar-lhe que o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro comemorará, neste ano, o Sesquicentenário de seu Patrono, O Imperador D. Pedro II, com um Congresso de História, que se realizará de 24 de novembro a 2 de dezembro.

Convido V. Sa. para participar do Congresso, trazendo-nos tese, que seja inédita, versando alguns dos aspectos de história (e de cultura) do período em estudo.

Será honroso para o Instituto contar, nessa oportunidade, com a sua valiosa colaboração. Poderá V. Sa. inscrever-se nas seguintes Comissões (vem uma relação até o item 14). Para maiores informações, rogo dirigir-se à Secretaria do Instituto, Av. Augusto Severo n.º 8, 10.º andar, ZC-06 (Lapa) 20.000 Rio de Janeiro (RJ). Na expectativa de resposta, apresento-lhe cordiais cumprimentos. (a.) — Pedro Calmon, Presidente".

Posso merecer maior honra, Odilon? Ofereço ao amigo, como penhor de minha admiração, um fio de barba que, na tradição paulista o mestre eminente não desconhece em seu significado.